

## 6- De olho nas penas

### 6.1- A autora

Ana Maria Machado nasceu em 24 de dezembro de 1941. Sempre gostou de escrever. Quando ainda era uma criança, uma de suas redações foi tão elogiada que resolveu mostrar a sua família. Um de seus tios, que era folclorista, conseguiu que seu texto fosse publicado na Revista Folclore. O texto se chamava *Arrastão* e falava sobre as redes de pesca artesanal em Manguinhos, lugar de seu nascimento. Essa foi sua primeira publicação.

Formou-se em Letras e tornou-se professora. A convite da Editora Abril, passou a escrever para a Revista Recreio que abria caminho para a literatura infantil brasileira, nos anos 70.

Em 1969, o Brasil sofria o peso da ditadura militar, ou seja, a censura e a tortura. Ana Maria foi presa da mesma forma que alguns amigos e alunos. No fim de 1969, ela deixou o país para viver alguns anos no exterior como muitos outros exilados desta época da história brasileira.

Assim como Thrity Umrigar, Ana Maria Machado também experimentou o deslocamento, sendo que a primeira por emigração e a segunda por exílio voluntário. Posteriormente, Ana Maria escreveria sobre esta experiência do deslocamento em seu livro *Tropical Sol da Liberdade* e metaforicamente, em *A Jararaca, a Perereca e a Tiririca*.

Ana Maria foi para Paris em 1970. Tornou-se aluna da Ecole pratique des Hautes Etudes e foi orientada por Roland Barthes.

Foi para Londres onde trabalhou como jornalista na BBC por cerca de um ano e meio. Em 1972, retornou ao Brasil e trabalhou no Jornal do Brasil e na Rádio JB. Em 1977, publicou seu primeiro livro infantil chamado *Bento-que-bento-é-o-frade*.

Em 1978, ganhou o prêmio João de Barro e posteriormente o Jaboti com *História meio ao contrário*. No ano seguinte cria a Livraria Malasartes, especializada em literatura infantil.

Em 1981 ganha o prêmio Casa de Las Américas, em Cuba, concorrendo com o livro *De olho nas penas*. Já em 2000, ganhou o prêmio Hans Christian Andersen pelo conjunto de sua obra. No ano seguinte, ganhou o prêmio Machado de Assis, também por toda sua obra. Além dessas premiações, também foi condecorada com a medalha Tiradentes, conferida pela Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, e com a medalha Ordem do Mérito Cultural, conferido pela Presidência da República. E, por último, talvez sua conquista mais importante foi sua eleição para ocupar a cadeira número 1, na Academia brasileira de Letras, que tem como patrono Adelino Fontoura, e cujo fundador foi Luís Murat.

É especialmente interessante e gratificante observar que uma escritora especializada em literatura infantil tenha ganhado tantos prêmios importantes e seja tão reconhecida não só no Brasil como em todo o mundo, uma vez que a própria literatura infantil é uma literatura muitas vezes discriminada, subalternizada em meio aos estudos literários.

A literatura infantil também é portadora de inúmeros estereótipos como: literatura somente para entretenimento, literatura que não deve ser levada a sério, literatura inferior, literatura que adultos não podem ler por não se tratar de assuntos sérios, e muitos outros. Porém, a literatura infantil lida com todos os assuntos que a chamada grande literatura lida, o que muda é a forma de sua apresentação e a linguagem utilizada. Como veremos mais adiante, o livro a ser analisado trata do processo de migração, dos encontros culturais e das colonizações.

Ana Maria Machado, quando questionada sobre de onde tira suas idéias, afirma que “um livro começa muito antes da hora em que a gente senta para escrever. É um jeito de prestar atenção no mundo, em todas as coisas, nas pessoas, e ficar pensando sobre tudo...”.

Assim como Thrity Umrigar, o princípio do processo de criação literária parte do exterior, daquilo que está ao redor, do que está no mundo e é absorvido, internalizado, processado e se manifesta em forma de obra literária.

A escritora afirma que sempre deseja contar algo diferente, porém, acontecido com ela própria ou com pessoas próximas que compartilham suas experiências com Ana Maria. A partir daí, ela transforma essas histórias por meio de sonhos e imaginação, exteriorizando uma história que é ao mesmo tempo distinta e a mesma da experiência primeira.

Em entrevista, a autora é questionada sobre como ficam os valores e referências regionais explorados em suas obras nas traduções que são feitas de seus livros para inúmeras línguas de diversos países. Pergunta a qual ela oferece a seguinte resposta:

Não sei bem. Toda tradução sempre perde muita coisa, por melhor que seja. Mas quando é boa, pode ganhar outras, por ser uma recriação. Alguns dos autores que mais me fascinaram na vida (de Cervantes a Garcia Marques, de Shakespeare a Camus) tinham valores regionais muito fortes, mas nem por isso deixaram de ser universais.<sup>1</sup>

É justamente o fator da universalidade que faz com que obras de escritoras como Thrity Umrigar e Ana Maria Machado são consideradas de grande importância e devam permanecer sendo investigadas. O regional se torna universal no momento em que se trabalha com questões que cercam todo ser humano como a identidade, a nação e como suas experiências o modificam internamente. Como disse Guimarães Rosa: “O sertão é o mundo”.

Porém, Ana Maria Machado faz uma objetiva distinção entre a autora e sua obra em relação ao leitor.

Para mim, o importante é que meu leitor se aproxime do que eu escrevo, e não de mim. Muitas vezes a pessoa física do escritor pode atrapalhar o contato com a obra. Uma coisa que me preocupa muito nessa esfera é não ser injusta, não privilegiar um leitor em detrimento de outro. Se eu começar a conversar muito com um, como vou fazer para conversar igualmente com todos os outros? Só através do livro, que é justo e democrático. Mas adoro quando o leitor se manifesta.

Mas, a partir da discussão, no terceiro capítulo, guiada principalmente pela teoria de Ángel Ruperez, não concordamos com a posição da escritora, já que através de sua obra, o leitor pode encontrar com o próprio autor do texto. Em realidade, não existe separação entre autor e obra; a obra é expressão das

<sup>1</sup> <http://www.anamariamachado.com/home.php>

experiências do autor conseqüentemente absorvidas pelo leitor. E, uma vez que a leitura é guiada pelas experiências do leitor, o diálogo entre leitor e autor se torna democrático podendo dialogar com todos os tipos de leitores, como bem cita Ana Maria Machado.

## 6.2- As penas do mundo

O livro *De olho nas penas*, de Ana Maria Machado, ganhador do prêmio Casas de las Américas, em Cuba (1981), que será aqui analisado, inicia-se com uma dedicatória que também guiará nossa leitura, assim como o poema de Omar Kayyam, em *A doçura do mundo*, no capítulo anterior.

Ana Maria dedica seu livro “A todos os gatinhos que andaram nascendo em forno por aí – e nem por isso viraram biscoito. E aos leopardos – sobreviventes ou não.”<sup>2</sup> Estas linhas dizem respeito à problemática da aculturação que, não necessariamente é o resultado final dos encontros culturais. O contato com outros locais, países, culturas, povos acarreta conscientemente ou inconscientemente uma transculturação e conseqüentemente uma hibridização, porém, muito raramente uma aculturação.

Aliás, a aculturação, em muitos casos, necessita uma ação tão brutal que, na maioria das vezes, resulta em extermínio total de uma sociedade, como vimos no segundo capítulo, com relação aos indígenas no Caribe, durante a colonização espanhola. Segundo palavras de Fernando Ortiz: “O contato das duas culturas foi terrível. Uma delas pereceu, quase totalmente, como fulminada. Transculturação fracassada para os indígenas e radical e cruel para o adventício. A indígena sedimentação humana da sociedade foi destruída”.<sup>3</sup>

O livro é dedicado a todos aqueles que resistiram à aculturação, a todos aqueles que foram transculturados ou, para resistirem, perderam a própria vida.

O livro nos apresenta a história de Miguel, uma criança que bem cedo já lidava com os conflitos dos contatos culturais, porém, ao contrário de nossa

---

<sup>2</sup> 1985: p.5

<sup>3</sup> 1985, p. 88

personagem idosa da análise anterior, Miguel lidava com essa situação, ao menos, com bom humor e uma certa naturalidade.

Miguel tinha oito anos, dois pais, e uns cinco países pelo menos. Às vezes ele não conseguia muito bem arrumar todos esses números dentro da cabeça. Ou somar, diminuir, multiplicar e dividir tudo isso dentro do coração. E volta e meia pensava no que podia fazer para botar todas essas coisas no lugar. Como não descobria, continuava tocando a vida para a frente – e também para cima e para os lados, que nem bola quando a gente faz embaixada.<sup>4</sup>

As influências múltiplas tinham uma correspondência na sua vida pessoal; filho de pais divorciados, Miguel possuía dois pais e, mais ou menos um número de cinco países pelos quais passou e cuja influência cada um, países e pessoas, deixou no pequeno personagem. A sua tentativa de encontrar um lugar para cada uma dessas coisas acarretava na frustração de tudo permanecer fora do lugar. Uma vez que não encontrava uma forma de organizar todos esses fatos que imprimiam marcas em Miguel, este seguia o curso de sua vida, não um curso linear, mas sim, diversificado como ele próprio era.

Miguel, então, começa a nos contar a problemática dos países em sua vida e como ele podia participar de tantas culturas ao mesmo tempo.

Ah, é, porque tem também que botar uma porção de países no meio de tudo isso. Primeiro, tem o Brasil, o país onde nasceram a mãe e os dois pais de Miguel. E que também é o país que fez Miguel ficar sendo brasileiro. Mas não foi onde ele nasceu. Ele nasceu mesmo foi no Chile. E por isso é um bocado chileno. Mas sempre lembra do que dizia a avó dele (uma das avós, porque o que Miguel tem de avô, avó, tio, tia, primo e prima não dá nem para contar nos dedos, que as mãos acabam antes disso). Enfim, o que a avó gostava de dizer era:  
-Gato que nasce em forno não é biscoito.  
Das primeiras vezes, quando ele não entendia, ela explicava:  
-Você nasceu no Chile, mas seu pai e sua mãe são brasileiros.  
Você também é.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Ibidem, p. 9

<sup>5</sup> Ibidem, pp. 11-12

Miguel, através dos seus próprios pais, tem seu primeiro encontro cultural. Ele, nascido no Chile, estaria integrado totalmente na cultura local se não fosse pelos pais que o proporcionava elementos culturais distintos, como a língua, a qual veremos mais a frente tinha lugar no qual melhor se enquadrava. Assim, o personagem também era portador de uma herança cultural brasileira.

Apesar de Cavas não ser o personagem principal de *A doçura do mundo*, esta situação de herança cultural a partir dos pais nos lembra o jovem personagem da narrativa anterior. E ao contrário dele, Miguel não nega sua parcela brasileira, apesar do conflito identitário que isso provoca nele.

Sua avó, sabiamente, indica que por causa da tradição cultural que os pais de Miguel carregam através do português, por exemplo, ele seria transculturado, perpassando seu eu mais profundo e o tornando um ser híbrido. É importante frisar que esse processo é inevitável, por mais que ao término do reconhecimento alguns tentem negá-lo em busca de uma cultura identitária e nacional originais, esse retorno como afirma Herique Foffani só se concretiza como impossibilidade.<sup>6</sup>

Dando continuidade à trajetória de Miguel, ele nos apresenta outra complicação:

Um dia, já bem mais tarde, quando ele estava morando em Moçambique, tinham perguntado assim para ele:

- Afinal, Miguel, de que país você é?

- Do Brasil e do Chile.

- Dos dois? De onde são seus papéis/

- Papéis? Que papéis? Meus cadernos? Meus desenhos? São daqui mesmo.

- Não, Miguel, seus documentos. Certidão, passaporte, essas coisas.

Então não sabia. Perguntou à mãe.

- São da França.

- Da França, mãe? Então eu sou francês?

- Ih, meu filho, não dá para explicar direito, mas vamos ver. É que quando a gente teve que sair do Chile, eu e seu pai éramos brasileiros, mas você e sua irmã tinham papéis chilenos. E para deixar nós todos sairmos juntos, eles nos obrigaram a entregar todos os papéis de vocês.

- Eles quem?

- Os homens lá, que estavam mandando em tudo.

- E aí?

<sup>6</sup> 2005: p. 83

- Aí vocês saíram sem papéis, que jeito? No Panamá e na Bélgica ficamos todos assim mesmo. Mas depois, quando fomos para a França, deu para acertar tudo'.<sup>7</sup>

Essa passagem demonstra a dúvida de Miguel diante da nova informação que sua mãe o fornece relativo a sua certidão de nascimento. Quando a mãe de Miguel diz que sua certidão é francesa, ele, então, a questiona se ele é francês, cuja resposta da mãe é evasiva, nem afirma nem nega.

A resposta evasiva da mãe abre espaço para que se diferencie a identidade legal da identidade real. A identidade legal é adquirida através de documentação que garanta um lugar de nascimento ao requerido, para que ele possa usufruir e cumprir com direitos e obrigações legais dentro e fora do país de nascimento. Ao contrário, ao dizer identidade real, nos referimos aos mecanismos que dão sentido ao “eu” e que está diretamente e profundamente ligada à identidade cultural já discutida no segundo e terceiro capítulos.

A citação também elimina a aura que circunda os documentos legais, uma vez que Miguel não nasceu de fato na França, apesar de ter certidão de nascimento francesa, o que paradoxalmente anula a sua validade real, perpetuando somente a validade burocrática.

Por outro lado, a mãe não nega que Miguel também seja francês, uma vez que teve contato com esta cultura e que, de uma forma consciente ou inconsciente, como em qualquer encontro cultural, deixa marcas.

Esse fragmento também nos faz lembrar da fala de Sorab sobre sua mãe, Tehmina, afirmando que ela não era fazia parte da cultura norte-americana uma vez que seus papéis ainda não estavam prontos, como se a construção real da identidade de uma pessoa dependesse somente de sua documentação em um país.<sup>8</sup>

Para Miguel, a França tinha sido um lugar bom, o lugar em que primeiro foi ao colégio e fez amigos.

Mas não era lugar de falar português. Português era a língua dos outros países de Miguel. Era a língua que ele falava em

---

<sup>7</sup> Op. cit: pp. 11-12

<sup>8</sup> UMRIGAR, 2008: p. 233

casa, com os pais, a irmã, os amigos, as pessoas que vinham passar um tempo e iam embora, só ficavam mandando cartas.<sup>9</sup>

Miguel sabe adequar cada língua a cada circunstância. Sabe que no país francês, não se deveria falar em português a menos que esta atitude fosse socialmente permitida e aceita como com o relacionamento entre família e amigos que sabiam ou eram originários de países cuja língua era o português.

Só que às vezes ainda era difícil responder a algumas perguntas. Quando perguntavam de que time ele era, já tinha resolvido e respondia que era Flamengo. Mas não sabia o que ia dizer quando perguntavam:

- Você é carioca ou paulista?

Só dizia assim:

- Nenhum dos dois.

E se perguntavam:

- Você é de onde?

Ele só respondia:

- Adivinha.

Ninguém adivinhava. Nem ele.<sup>10</sup>

Como Miguel não compreendia o que todas as influências culturais acarretava em termos de identidade e nação, já que neste ponto essas questões ainda são tratadas como possíveis origens que, neste momento da narrativa, se auto-contradizem, Miguel usa o artifício do escapismo. Dá respostas evasivas, utiliza o bom humor e não se complica diante dos outros, mesmo que tudo esteja complicado dentro de si.

Um dia, quando estava dormindo na casa de sua avó, enquanto pensava em toda essa situação de ter dois pais, cinco países, muitas origens e línguas, Miguel ouviu uma música suave tocada por uma flauta e, de repente surgiu o vento que tocava a flauta. Ao subir na janela para olhar o vento, algo como um anjo o segurou e o transportou para outro lugar.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Op. cit.: p. 14

<sup>10</sup> Ibidem, p. 15

<sup>11</sup> Ibidem, p.17

Ao terminar o passeio, Miguel percebe que não era mais o vento com jeito de anjo que o levava, percebeu que era um ser que refletia todo dourado como um sol.

- Pensei que você era todo de ouro, Amigo.  
 - Muita gente já pensou isso antes também. Por isso é que nós sofremos tanto quando os cavaleiros chegaram. Mas olhe bem. Sou gente como você. Ou talvez fosse melhor dizer que você é como eu, porque eu sou mais antigo. Gente de carne, osso, coração, sangue, riso, choro e canção.<sup>12</sup>

Miguel se encontra, então, com um ser onírico descendente dos povos pré-colombianos, todo adornado em ouro o que nos recorda a lenda do Eldorado, a cidade Inca que seria construída toda em ouro. Ao menos era essa a lenda que contavam os indígenas aos espanhóis quando nas terras daqueles chegaram, e com suas armas de fogo, pilharam as cidades, escravizaram e exterminaram a população.

Mas como o Amigo de Miguel bem lembra que seu povo não era feito de ouro, era feito de carne, ossos e sentimentos, ignorados pelos cavaleiros espanhóis, colonizadores brutais, dominadores pela força e pelas armas que desrespeitaram as culturas pré-colombianas, profanaram suas religiões e sua gente em nome da ganância por terras e metais preciosos.

Amigo, então, ensina a Miguel a não se deixar levar pela aparência que se cristaliza em estereótipos, mas sim, enxergar por baixo das máscaras que enganam.

Miguel, intrigado com as novas descobertas, questiona seu Amigo:

Que lugar é este? – perguntou Miguel.  
 -Minha terra, sua terra, a terra das montanhas e dos vulcões, vizinha à terra do grande rio, também sua, também minha. O país dos homens cor de fogo, da gente cor de cobre.  
 - O país do ouro também?  
 - Já teve quem pensasse isso. Quando os cavaleiros chegaram, em suas armaduras e montarias, suas armas que vomitaram

<sup>12</sup> Ibidem, p. 21

raios e despejaram trovões, também ficaram achando que tudo era de ouro.<sup>13</sup>

A terra que o Amigo descreve pode ser considerada uma das quais foram colonizadas pelos descobridores espanhóis, vizinho da terra do grande rio Amazonas, que tem como nascente os Andes peruanos, o maior da América Latina, ou seja, vizinho do Brasil, outra terra conhecida de Miguel.

É interessante perceber que ele se refere a ambos os países como “minha terra e sua terra também”. Veremos ao término dessa análise porque ele se refere à terra dessa forma.

Miguel prossegue em sua curiosidade: “-E a terra tem segredos, Amigo? - Tem. Você sabe quais são, porque você é um dos nossos”.<sup>14</sup> O Amigo pede que Miguel olhe para a água que corre da encosta e veja os segredos que estão ocultos. E aos poucos, Miguel vai desvendando os mistérios.

- É... A água dá para a gente olhar e ir sacando. Mas essa história de segredos da terra deve ser bem mais complicada.  
- Não sei porque. É tudo uma coisa só, água, terra, ar, plantas, bichos, gente. Uma coisa continua na outra. Olhe bem para a terra. Pense nela.<sup>15</sup>

Miguel vai sagazmente percebendo que todos estão interligados e são interdependentes. Povos, nações, culturas, uma continua na outra por meio de suas influências, de seus empréstimos e intercâmbios forçados ou voluntários, e atualmente poderíamos dizer, por meio da globalização também. Dessa forma, a terra vai se tornando uma unidade que preserva a diversidade dos povos. Assim como Agustín Pániker escreve sobre a unidade da Índia em meio a sua própria diversidade.

---

<sup>13</sup> Ibidem, p. 23

<sup>14</sup> Idem

<sup>15</sup> Ibidem, p. 24

El proyecto gandhiano y nehruviano consistió en tratar (...) de integrar pero sin ser asimilacionista y cultivar el sentido de pertenencia común junto a un respeto por la diferencia cultural. De ahí que yo insista tanto, aun a riesgo de caer en cierto inclusivismo, en que la India consituye esa unidad-en-la-heterogeneiad. Porque sin unidad no podríamos apreciar su diversidad. Y viceversa.<sup>16</sup>

A definição da Índia por Pániker pode ser aplicada a própria terra. A partir deste momento da narrativa, Amigo reanima as lembranças antiqüíssimas que Miguel guardava dentro de si sobre a chegada dos colonizadores. Ele os viu chegar cobertos por armaduras de metal e sendo recebidos com festas pelos nativos, “como se os cavaleiros fossem convidados de honra ou deuses”. Para esse momento especial, se adornaram, mas seus adornos tinham prata, ouro e esmeralda. Com isso, os convidados pediram ouro; e quanto mais ganhavam mais queriam. E, assim a ambição gerou verdadeiros massacres.

E isso ia acontecendo de forma parecida em muitos lugares diferentes de toda essa enorme terra de montanhas. Algumas vezes, os homens cor de cobre de outras cidades tinham notícias dessa destruição e se preparavam para resistir. Não adiantava nada: as armas dos cavaleiros de ferro e fogo eram muito mais poderosas do que a luta dos que estavam a pé. Outras vezes, os donos da terra acreditavam que os guerreiros de penachos e bandeiras eram amigos, os recebiam com honras e mandavam seus chefes espere-los. Mas esses príncipes e imperadores eram aprisionados, e seu povo tinha que entregar todo o tesouro para libertá-los. E depois ainda vinham a traição e a morte, porque os cavaleiros não cumpriam as promessas e não libertavam ninguém. Só queriam o tesouro.<sup>17</sup>

Miguel fica aterrorizado com as cenas que vê. Seu Amigo, percebendo seu desespero, acrescenta:

-É tudo verdade. Coisa que aconteceu mesmo, com nossa gente, há muito tempo. Na certa você vai estudar na escola isso quando crescer, aprende que esses cavaleiros forma grandes

<sup>16</sup> 2005: p. 84

<sup>17</sup> Op. cit.: pp. 27-29

heróis da conquista de uma terra e de um povo. Nossa terra e nosso povo. Mas não é verdade. Eles não foram heróis. Eles foram os ganhadores. E escreveram a história. Mas mesmo do jeito que eles escreveram, dá para a gente saber que as coisas aconteceram assim como você está vendo.<sup>18</sup>

O Amigo demonstra como os colonizadores manipularam a própria história colocando-os como heróis, como conquistadores de terras já conquistadas e de povos a serem escravizados, mas todas essas atitudes em benefício da metrópole eram necessárias e, para eles a justiça continuava com os olhos cerrados.<sup>19</sup> O Amigo criticava toda a carnificina em nome da conquista.

Mas ao fazer com que Miguel visse o outro lado da história, o lado subalterno do que era caracterizado como um ato de bravura e heroísmo, o subalterno reconquista sua voz e reescreve a história.<sup>20</sup>

Desvendando a história encoberta pelas narrativas dos dominadores, Miguel se encontra seduzido por esta nova terra que é palco de desejos e lutas. Assim, continua:

- Você fala o tempo todo em nossa terra. Que terra é essa?  
 -Já te disse – respondeu o Amigo. – A terra de nossa gente. Tem vários nomes diferentes, tem paisagens diferentes, tem povos diferentes morando nela. Maias, astecas, mejicas, toltecas, incas, chibchas, aruaques, tucanos, ticunas, urubus, pataxós, camaiurás, xavantes, caingangues, muitos, muitos outros nomes, habitantes, da montanha ou da planície, dos campos ou da floresta.  
 Com essa explicação, Miguel começou a entender um pouco mais, porque já tinha ouvido falar em alguns desses nomes. Deviam ser todos índios. Os cavaleiros deviam ser os descobridores. Descobridor de que? Que descoberta era essa? Será que antes a terra estava coberta? De que? De ouro? Será que descobrir era levar o ouro embora? E deixar a terra coberta de sangue? Miguel tinha muitas perguntas na cabeça. Foi começando a botar essas perguntas para fora:<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> Idem

<sup>19</sup> GRIGOLETTO, 2002: p. 84

<sup>20</sup> BONNICI, 2000: p.56

<sup>21</sup> Op. cit.: p. 29

Ao dizer a terra “é nossa” e citar inúmeros nomes de povos indígenas, o Amigo de Miguel o conecta a todos eles, da mesma forma que o menino observou sobre a inter-relação dos seres na terra ao olhar a água. A partir do seu raciocínio sobre os objetivos e as conseqüências dos descobrimentos que acarretavam o roubo das riquezas das terras e a matança dos nativos, Miguel vai descobrindo mais informações sobre suas visões. Miguel questiona seu Amigo sobre os demais povos, uma vez que só tinha conhecido os das montanhas.

- Mas continuando, nas montanhas nascem os rios, os rios correm pelas matas, atravessam as planícies, e esses povos todos são vizinhos e irmãos. A gente vai mudando muito pouco de um lugar para outro, vai só se vestindo diferente, à medida que fica mais frio ou mais quente, tem mais lã ou fibra para tecer, coisas assim.<sup>22</sup>

O Amigo refere-se à unidade que há entre os povos que mudam muito pouco de lugar para lugar. Em sua maioria, o que os difere são mais os hábitos culturais, mesmo assim, todos estão conectados pelo mesmo “rio”.

Nesse momento, Miguel dorme e, quando acorda, percebe que está em outro lugar, desta vez em meio à floresta. A sua frente está um pássaro lindo com penas desenhadas como se houvessem centenas de olhos olhando em todas as direções. De trás de uma árvore, surge um homem de pele avermelhada, com penas como a do pássaro por todo o corpo e com adornos nos lábios e orelhas. Finalmente reconhece o seu Amigo, porém, um pouco distinto. Em meio à diferença é possível reconhecer a similitude.

Então, Miguel diz:

- Não tenho certeza. Acho que você é tudo junto, o Amigo vestido de sol e de ouro, de lã e de pena. E acho também que você é a Ave de olho nas penas.

(...)

-É... aquele pássaro que estava aqui antes, que às vezes parecia um pavão com um olho pintado em cada pena do rabo, um pássaro mágico, sei lá... Eu acho que é você, que vira gente e que vira pássaro. Já arranjei até um nome. Pare ele, para você.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 30

-Qual é?

- A Ave Que Vira.

Foi a vez do Amigo não entender. Porque ele repetiu assim, como se fosse uma palavra nova, meio mágica:

- A Ave Kivira?

- É... Quivira... Você não acha que é um bom nome? Você vira gente, vira pássaro, vira assóvio de flauta, vira colo de anjo para carregar a gente, vira povo antigo, vira amigo novo, vira tudo. E vira também as idéias que a gente tem na cabeça, pensando que estão arrumadinhas, vira tudo de perna para o ar.<sup>23</sup>

Quivira, o habitante das terras das florestas e dos rios questiona os fatos narrados, a história contada e apresenta novas perspectivas, como já discutidas anteriormente. Ele representa os subalternos que reconstroem suas histórias e rompem com o domínio de poder, cultural e ideológico do colonizador. Os subalternos instauram uma nova realidade e se tornam novamente sujeitos.

O segredo da terra, pensava Miguel que fosse uma espécie de tesouro, mas desde que o Amigo/Quivira desestabilizou esta idéia com tudo o que mostrou ao menino, ele começou a pensar que o segredo da terra era o sangue que ela bebeu. O sangue de todos os povos que lutaram para resistir ao domínio do Outro. Um segredo que poucos tinham coragem de revelar.<sup>24</sup>

Por isso é que Quivira era ao mesmo tempo parecido e diferente do Amigo. Porque os povos das montanhas eram irmãos dos povos das florestas. Dessa forma, Miguel já estava traçando um paralelo com a nova terra.

- Aqui também chegou gente do outro lado do mar, com aquela conversa de dizer que estava descobrindo? Para no fim acabar só levando todos os tesouros?

Quivira explicou:

- Igualzinho. Os tesouros eram diferentes, mas o jeito de acontecer foi muito parecido. Sempre assim. Diferente e parecido. Como irmãos. Todos filhos do sol.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> Ibidem, pp. 36-37

<sup>24</sup> Idem

<sup>25</sup> Idem

Assim, como os espanhóis, os portugueses também cruzaram os oceanos em busca de novas terras e tesouros e, para isso, também destruíram os povos indígenas e suas terras. Toda colonização é semelhante mesmo que haja peculiaridades. Diferente e parecido. E sua condição dominada é outro fator, como demonstramos no primeiro capítulo, que une esses povos.

Como que alcançando um nível mais profundo de conhecimento da terra e de seus povos, Quivira pede para que Miguel se banhe no rio e dessa vez, ao invés de visões, o menino se transformaria em pessoas de diferentes tribos para que ele soubesse sobre a cultura desses povos. Ele virou ticuna, camaiurá, juruna, maué, caapor, beio de pau, arara, cinta larga, carajá, canela, cadivéu e muitos outros. Descobriu como “os homens tinham conseguido o fogo em cada lugar e como tinham surgido o milho e a mandioca, e o guaraná e o urucu”.<sup>26</sup>

Por último, “Miguel molhou o rosto no rio. Nem chegou a virar de tribo nenhuma. Só viu um grande espírito que vivia num mundo sozinho e resolveu fazer os homens”.<sup>27</sup> Um só espírito e toda a humanidade. Mas, Quivira interrompeu Miguel e o chamou de volta.

- E eu não quero sair daqui. Acho que esta terra é minha terra, Quivira. Junto com aquela outra que bebeu o sangue que os cavaleiros derramaram. Eu tenho muitos países, sabe, Quivira? Às vezes eu ficava até sem saber de onde eu sou mesmo. Mas agora eu estou sabendo, muito de verdade, que eu sou destes lugares onde você está me trazendo. Da terra das montanhas e dos vulcões, e desta outra ao lado, a terra do grande rio e da floresta. As terras dos homens cor de fogo. Estou gostando. Agora eu sei que aqui é meu lugar.<sup>28</sup>

Miguel, depois de se encontrar com muitos povos através de Amigo/Quivira e suas experiências nas águas mágicas que, conseqüentemente, resulta em uma transformação interior, encontra o seu verdadeiro lugar. O conflito referente aos seus inúmeros deslocamentos e a agregação de muitos países em sua história pessoal se dissipa quando percebe que o seu lugar é o mesmo de todas as pessoas. É a terra compartilhada pelos diversos povos em que um influencia e

---

<sup>26</sup> Ibidem, pp. 38-39

<sup>27</sup> Idem

<sup>28</sup> Ibidem, p. 40

depende do outro. São todos os países que já faziam parte da vida de Miguel, porém, agora são vistos a partir de outro nível de experiência, o transcendente.

Depois desta constatação, Miguel dorme novamente e ao acordar se encontra em uma nova terra, do outro lado do mar. Era a África, talvez Moçambique, uma das terras de Miguel, mesmo antes de sua transformação interior.

Miguel se depara com uma aranha (Ananse) que o conta como conseguiu se tornar a contadora de histórias de sua terra indo buscá-las na cabaça em que os deuses as guardavam.

Pois bem, como eu acabei passando por todas as provas, consegui vencer e ganhei a cabaça com todas as histórias do mundo. Na volta, enquanto eu descia a escada, a cabaça caiu e quebrou, e muitas histórias se espalharam por aí. Mas quando eu conto, vou desenrolando o fio da história de dentro de mim, e por isso sai melhor do que quando os outros contam. Por isso, todo mundo pode contar, mas toda aldeia tem alguém como eu, algum Ananse que também conta melhor essas histórias. E quem ouve, também sai contando, e fazendo novas, e trazendo de volta um pouco diferente, sempre com fios novos, e eu vou ouvindo e tecendo, até ficar uma teia bem completa e bem forte. Só com uma teia assim, toda bonita e resistente é que dá para agüentar todo o peso do povo de uma aldeia, de uma nação, de uma terra.<sup>29</sup>

Ananse mostra a Miguel a importância de se aprender com os outros, de absorver elementos das culturas alheias, de se transculturar para se tornar mais forte e lidar com a diversidade de seu próprio povo, uma vez que é a partir do outro que nos conhecemos a nós mesmos e nos configuramos como sujeitos.<sup>30</sup>

Nesse momento surge Quivira, mas dessa vez, Miguel quase não o reconhece por estar transformado em leopardo, a que o menino chama jaguar. Quivira acrescenta que apesar de leopardo não ser jaguar, são parecidos por seres irmãos, cada um em uma terra cortada pelo oceano.

O leopardo é um “gato que descansa preguiçoso e avança quando o inimigo não espera ou pensa que ele está longe. Tudo parecido, irmão, primo”.<sup>31</sup>

<sup>29</sup> Ibidem, p. 48

<sup>30</sup> GRIGOLETTO, 2002: pp. 36-37

<sup>31</sup> Op. cit.: p. 49

Aquele que ataca o inimigo mostrando quem ele é e não quem o inimigo pensava que ele fosse.

Ouvindo a conversa entre o leopardo e Miguel, Ananse pergunta: “- Vocês sabem que o Lagarto é primo do Nachapi?”. Mas, sendo o lagarto um réptil e o Nachapi um pássaro, Miguel questiona: “- Se ele é passarinho, como é que pode ser primo do Lagarto? Não combina”.<sup>32</sup>

Ananse começa a contar a história dos dois parentes... O Napachi, sempre quando passava pela esposa do lagarto, a chamava de minha-cunhada. O lagarto irritado foi ao juiz que exigiu que o Napachi de explicasse:

Aí o Nchapi se defendeu assim: ‘Nós somos da mesma família, sim. Eu nasci de um ovo, o Lagarto também. Eu não tenho orelhas, o Lagarto também não. Só que eu vôo e ele anda no chão, eu tenho penas quentes e ele tem a pele fria. Mas não é melhor do que eu.’<sup>33</sup>

O Nchapi e o lagarto servem de metáforas para demonstrar que as pessoas, mesmo com sutilezas físicas, ideológicas ou culturais, não são umas melhores que as outras. A dominação e a estereotipização de um povo é uma atitude degradante e infundada.

Ananse afirma a Miguel que “é preciso trocar os fios pra lá e pra cá, trançar o que cada um vai tecendo. Se não, ninguém faz teia nenhuma. E num fio solto ninguém pode morar. Para se ficar vivendo, precisa uma teia”.<sup>34</sup>

Miguel, então pensou que as histórias de Ananse pareciam quem não tinham relação com a realidade, pareciam somente ficção somente para diversão, mas quanto mais se pensava em suas histórias, mais se percebia que elas tratavam diretamente de assuntos ligados ao ser humano. Assim como os livros que são criações artísticas frutos da complexa relação entre o ser humano e o mundo. E assim, Miguel quis saber mais sobre o que ocorreu com o povo desta terra.<sup>35</sup> O leopardo, então, fala sobre a escravidão na África e como os portugueses os torturavam fazendo com que sua terra também bebessem seu sangue.

---

<sup>32</sup> Ibidem, pp.49-50

<sup>33</sup> Ibidem, p. 50

<sup>34</sup> Ibidem, p. 51

<sup>35</sup> Idem

Ananse aproveita a situação para contar outra história a Miguel, que apesar de longa, consideramos importante ser integralmente reproduzida.

- Há muito tempo atrás, o Leopardo não tinha garras. Bicho nenhum tinha garras, nem veneno, nem nada que pudesse fazer mal aos outros, arranhar, morder, dar coice, picar. Não precisava, porque nesse tempo todos eram amigos e viviam em paz. Só o Cachorro é que já tinha esses dentes grandes e afiados que ele tem hoje, mas não tinha passado na cabeça de ninguém que isso pudesse servir para atacar outro bicho. E todos viviam muito bem. Um dia, o Leopardo teve a idéia de que todos os animais deviam construir uma casa grande para morarem juntos. Fez a proposta e os outros concordaram. O Antílope concordou, a Tartaruga concordou., a Gazela concordou, o Coelho concordou, e assim por diante. Um por um, cada bicho era consultado e dizia que sim, que achava uma boa idéia fazerem juntos uma casa pra todos. Até que chegou a vez do Cachorro. E ele foi o único que disse que não queria saber de fazer nada junto com os outros, que não via nada de bom naquilo. Aí o Leopardo explicou: 'Se formos muitos, arranjaremos mais comida para todos. Se vier um inimigo e nós estivermos juntos, podemos nos defender melhor. Se tivermos uma casa, podemos nos proteger da chuva, do frio, do vento e do sol forte'. Mas nem assim o Cachorro concordou. E não ajudou. O Antílope ajudou, a Tartaruga ajudou, a Gazela ajudou, o Coelho ajudou, a Zebra ajudou, a Girafa ajudou, o Javali ajudou, e assim por diante. Um por um, cada bicho ajudou. Um trouxe palha, outro trouxe lama, outro trouxe varas, outro trouxe pedra,s outro trouxe musgo, cada um trouxe uma coisa. E cada um fez também uma parte da casa. Todos. Menos o Cachorro. Quando a casa ficou pronta, os bichos forma morar lá dentro, muito contentes. Até que veio uma grande chuva, que deixou tudo encharcado, só os bichos dentro de casa é que estavam secos. Aí o Cachorro veio bater na porta e pediu para entrar. 'Não! Não pode!', gritaram todos. E mais: 'Você não fez nada para ajudar'. Então o Cachorro ficou zangado e resolveu usar os dentes dele para atacar. O Leopardo, que era o mais corajoso, tentou defender todos. Mas ficou todo mordido e arranhado, levou uma surra, e foi expulso da casa, ferido e envergonhado. E a Tartaruga, bicho que se arrasta e não tem pescoço, foi logo dizendo: 'Agora o Cachorro é o dono da casa e nosso chefe, porque ele é o mais forte e pode nos proteger'. Os outros concordaram. Enquanto isso, o Leopardo foi para bem longe, até a aldeia dos homens. Lá, pediu ao homem-ferreiro que fizesse armas para ele. E o homem fez. Foi assim que o Leopardo ficou tendo uma garra em cada dedo e então ficou achando que já estava pronto para viver sozinho no mundo porque já podia se defender. E tratou de procurar um canto isolado onde pudesse ficar em paz. Mas lá na casa, os outros animais não estavam mais concordando muito com a proposta da Tartaruga. Sentiam falta das boas idéias e da esperteza do Leopardo, da paciência dele e do jeito que ele tinha para fazer as coisas junto com os outros. Achavam que um chefe não precisa só ser forte, mas, principalmente, tem que ser sábio. E tanto falaram que o Cachorro se convenceu de que seria útil ter alguém esperto dentro da casa. Então mandou chamar o Leopardo. Os bichos procuraram, procuraram e, quando finalmente encontraram, ele veio junto. Quando o Leopardo chegou, o Cachorro disse assim: 'Fiquei com muita pena de você, sozinho no mundo, se molhando na chuva. E como eu sou muito bondoso, resolvi lhe perdoar se você prometer que vai ficar bonzinho

daqui para a frente e jurar que vai sempre me obedecer. Peça perdão e seja obediente, que eu deixo você vir morar de novo na casa, com todos os outros bichos'. Então o Leopardo disse: 'Você não pode resolver nada nesta casa, porque ela não é sua. Dono é quem faz, não é quem toma. Esta casa é de nós todos, menos sua. E se nós quisermos, desmanchamos tudo'. Quando ele disse isso, o Cachorro avançou para cima dele. Mas aí o Leopardo já tinha garras e já sabia que tem horas que é preciso usar as garras. Usou. E usou bem. Ao mesmo tempo, cada animal tirava da casa o que tinha trazido, e ninguém defendeu o Cachorro. A casa acabou caindo em cima dele, que saiu correndo, para bem longe, ganindo e gemendo até chegar à aldeia dos homens. (...).<sup>36</sup>

Nesta fábula temos novamente a temática colonizador x colonizado sendo representados pelos personagens principais – o cachorro e o leopardo respectivamente. O cachorro, depois de construída a casa, vem para requerer seu direito de dono da casa e, para isso, utiliza sua força, ou melhor, sua arma, incompatível com o poder de defesa do leopardo que se submete à humilhação de ter que abandonar sua casa sob as ordens do cachorro dominador.

No momento em que o cachorro diz ter pena do leopardo e aceita sua presença na casa que ele usurpou, considerando a si próprio bondoso, percebemos a estereotipização discutida no segundo capítulo do colonizador bom e do colonizado mal, selvagem, necessitando de que alguém o retire das trevas da barbárie em direção à luz da civilização, o que justificaria a colonização como missão civilizadora como os europeus afirmavam.

Porém, em contato com o cachorro, o leopardo se transforma, ele adquire garras esperando o momento apropriado para utilizá-las. E, no momento certo, requiere sua posição de “dono da casa”, aquele que trouxe fertilidade para a terra, não somente destruição e retoma seu poder de voz expulsando o invasor.

Dessa forma,

Miguel sabia que o sol e a lua eram dele, que a noite e o dia eram dele, que as terras dos dois lados do mar eram dele com todos os seus segredos, e que ele fazia parte também dos homens dos dois lados do mar com seus mistérios. Todos filhos do sol.<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> Ibidem, pp. 53-54

<sup>37</sup> Ibidem, p. 56

Miguel sabia que fazia parte de diversas culturas, diversos povos e de diversos países, apenas constatou através dessa experiência sublime que todos estão intrinsecamente relacionados. Miguel, cansado das aventuras, transformações e histórias, dorme.

Quando acordou, sonolento e se espreguiçando, tranqüilo e descansado, estava numa cama quentinha, na penumbra gostosa do quarto em casa da avó. O vento e a chuva tocavam lá fora sua canção da tempestade, e ele sabia que era também a flauta do pastor de lembranças e os tambores da aldeia dos homens.

Antes ele já sabia essas coisas, mas de outra maneira. Agora conhecia de perto, de dentro, como a gente conhece um Amigo.

Miguel estava feliz. Deu vontade de cantar, tocar, fazer qualquer música. Experimentou assoviar para fora. Conseguiu. Agora a canção do vento e de Quivira morava também dentro do peito dele.

A avó entrou no quarto, viu que ele já estava acordado e sorridente, e perguntou:

- Com que foi que você sonhou?

- Com minha terra, vovó.

Ela quis saber:

- Com qual?

- Com todas elas... – respondeu Miguel. – Quer dizer, com a minha terra de verdade.<sup>38</sup>

Assim como vimos no capítulo três, através da reflexão de Paul Tillich, Miguel parece ter alcançado esta nação sublime, superior, que é compartilhada por todos e se sente parte de tudo e de todos. Suas experiências, assim como as da personagem principal analisada no capítulo anterior, também são desencadeadas a partir do contato com o sofrimento do ser humano e, por meio do suporte de um ser transcendente em que, na primeira obra é um fantasma, enquanto na segunda é um ser onírico. Esses seres simbolizam o aspecto transcendente alcançado não só através do encontro com o humano, mas também, o aspecto transcendente da própria obra em si.

---

<sup>38</sup> Ibidem, p. 57

Miguel se redescobre como um ser mutável de acordo com as relações que ele estabelece e cuja mutabilidade tem caráter positivo, integrando-o na rede que conecta e dá firmeza a todos.